

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**  
**DEPARTAMENTO DE ECONOMIA**  
**BACHARELADO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**JOSÉ ROBERTO DE SOUZA VERÇOSA FILHO**

**ABORDAGEM COMPORTAMENTAL DA POBREZA**

RECIFE – PE

2020

**JOSÉ ROBERTO DE SOUZA VERÇOSA FILHO**

**ABORDAGEM COMPORTAMENTAL DA POBREZA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado pelo aluno **José Roberto de Souza Verçosa Filho** ao Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, como pré-requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas sob a orientação do professor Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia Filho

RECIFE – PE

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- J83a      FILHO, JOSÉ ROBERTO DE SOUZA VERÇOSA  
            ABORDAGEM COMPORTAMENTAL DA POBREZA / JOSÉ ROBERTO DE SOUZA VERÇOSA FILHO. - 2020.  
            39 f. : il.
- Orientador: LUIZ FLAVIO ARREGUY MAIA FILHO.  
            Inclui referências.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado em  
            Ciências Econômicas, Recife, 2020.
1. POBREZA. 2. ESCASSEZ. 3. ECONOMIA COMPORTAMENTAL. I. FILHO, LUIZ FLAVIO ARREGUY  
            MAIA, orient. II. Título

Monografia apresentada como requisito necessário para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas. Qualquer citação atenderá as normas da ética científica.

Abordagem comportamental da pobreza

JOSÉ ROBERTO DE SOUZA VERÇOSA FILHO

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado com nota \_\_\_\_\_ apresentado em  
\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Orientador. Prof. Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia Filho

---

1º Examinador. Prof. Dr. Luiz Rodrigues Kehrlé

---

2º Examinador. Profa. Dra. Sônia Maria Fonseca Pereira Gomes

## *Dedicatória*

*Dedico este trabalho a meus pais, que desde o começo me incentivaram a ter disciplina e dedicação nos estudos e na vida. Minha mãe, Alciara, de quem herdei a amabilidade e carisma, e parte da inteligência. Meu pai, José Roberto, de quem herdei a dedicação e de onde enxerguei o exemplo que precisava para me tornar uma pessoa melhor a cada dia.*

*Aos professores que me indicaram o caminho desde a primeira aula até aqui, seja corrigindo erros ou elogiando acertos, aprendi muito desde o início e teria sido muito diferente se não tivesse encontrado professores que me inspirassem e guiassem.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, aos professores, técnicos, amigos a todos que de alguma forma estiveram comigo durante esse percurso. Ao professor Luiz Maia pela dedicação e apoio, tanto durante o curso, quanto durante este trabalho e a instituição UFRPE por toda assistência.

Epígrafe

“Ser humano é estar entre o imediato e o imortal  
É a luta interna e bruta do bem pra vencer o mal  
É desatar os nós entre o eu e o nós  
Entre o pré e o pós  
Entre a multidão, mas a sós. ”

(Rico Ayade)

## RESUMO

A escassez de recursos, incluindo os cognitivos, de informação e de autocontrole, é objeto de estudo fundamental na teoria econômica, pois, sem escassez, não haveria necessidade de tal teoria. A pobreza é um dos problemas que envolve diversos desses tipos de escassez e que está presente tanto no dia a dia aqui dos brasileiros, como também no mundo todo; é um problema que existe há milhares de anos e segue sem solução efetiva. O arcabouço teórico da teoria comportamental pode ajudar no enfrentamento desse problema auxiliando os formuladores de políticas a desenhar programas e políticas efetivas no combate à pobreza, bem como a entender melhor o comportamento e a forma como pessoas em situação de pobreza tomam suas decisões. Nesse trabalho será feita uma revisão da literatura econômica comportamental onde serão resgatadas, e reunidos, os conceitos e os programas que estão, de alguma forma, relacionados com o combate à pobreza. Mostrando que a utilização de insights comportamentais no desenho de políticas que lidam com a pobreza pode resultar em programas mais eficientes.

**Palavras-chaves:** Pobreza. Escassez. Economia comportamental.

## *ABSTRACT*

The scarcity of resources, including cognitive, information and self-control, is an object of fundamental study in economic theory, because, without scarcity, there is no need for such a theory. Poverty is one of the problems that involves different types of scarcity and is present both in the daily lives of Brazilians here, as well as in the whole world; it is a problem that has existed for thousands of years and remains without an effective solution. The theoretical framework of behavioral theory can help tackle this problem by helping policy makers to design effective programs and policies to combat poverty, as well as better understanding of behavior and the way people in poverty to make their decisions. In this work, a review of the economic behavioral literature will be made where the concepts and programs that are, in some way, related to the fight against poverty will be rescued and brought together. Showing that the use of behavioral insights in the design of policies that address poverty can result in more efficient programs.

**Keywords:** Poverty. Scarcity. Behavioral economics.



## **LISTA DE GRAFICOS E TABELAS**

**Tabela 1:** Quadro Sintético dos dados de desemprego do IBGE 2019, pg. 12

**Gráfico 1:** Gráfico com percentual da execução da despesa por Programas e Ações Orçamentárias, pg. 13

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>Introdução.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>Referencial teórico-conceitual .....</b>	<b>17</b>
<b>3</b>	<b>Metodologia .....</b>	<b>26</b>
<b>4</b>	<b>Resultados e discussão.....</b>	<b>27</b>
<b>5</b>	<b>Conclusões.....</b>	<b>32</b>
	<b>Referências.....</b>	<b>34</b>

## 1 Introdução

A Economia tem como uma de suas principais definições “O estudo de como a sociedade administra seus recursos escassos.” (MANKIWI, 2005, p. 2). Portanto, é impossível dissociá-la do conceito de escassez. Sabemos que as decisões tomadas pelos agentes econômicos são baseadas na disponibilidade dos bens, e que os indivíduos frequentemente precisam abrir mão de um bem para obter outro que supra sua necessidade no momento.

Os problemas econômicos sempre envolvem a escassez; as principais questões respondidas pela ciência econômica, como “O que produzir? Como produzir? E para quem produzir?” São questões que estão intimamente ligadas a ela. A pobreza é mais um desses problemas que tem a escassez em seu DNA.

O mundo tem passado por grandes transformações nesses últimos anos, principalmente no âmbito econômico, alguns problemas vão sendo solucionados, enquanto outros vão surgindo. É fato que a pobreza vem diminuindo no mundo todo; nas últimas décadas alguns índices importantes foram criados para possibilitar a mensuração da pobreza e das condições materiais de vida, de forma mais ampla.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), criado em 1990 pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) é muito utilizado pelos formuladores de políticas públicas ou privadas para mensurar a pobreza e definir quais locais mereceriam atenção prioritária, já que inclui dados sobre educação, saúde e renda. O IDH mais recente, publicado pelo PNUD (2019) coloca o Brasil na 79ª posição entre 189 países, com índice de 0,761 – patamar considerado alto pelo órgão.

O relatório de Desenvolvimento Humano (RDH, 2019) também mostra que todos os países da lista, com exceção da República Árabe da Síria, obtiveram variação positiva no IDH, o que representa uma melhora no bem-estar global. Os países com IDH médio e baixo estão predominantemente nos continentes africano e asiático.

No Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) monitora frequentemente os índices sociais. A linha da pobreza é usualmente determinada pelo IBGE (2019) como envolvendo famílias com rendimento domiciliar *per capita* inferior a US\$ 5,5 PPC 2011 por dia<sup>1</sup>, o que equivale a cerca de R\$420,00 por mês. Em 2018, havia em torno de um quarto da população brasileira vivendo abaixo da Linha de Pobreza, aproximadamente 52,5 milhões de pessoas. Antes da criação do IDH, o principal indicador de desenvolvimento social era o PIB *per capita* que, além de não captar informações como desigualdade, por exemplo, de acordo com Miles (apud JANNUZZI, 2002, p. 54):

[...] mostrava-se cada vez menos apropriado como medida representativa do bem-estar social. Nos países centrais, tal medida tampouco se prestava aos objetivos de monitoramento efetivo da mudança social em seus múltiplos aspectos e de formulação de políticas sociais de cunho redistributivo ou compensatório nas diversas áreas. (MILES, apud JANNUZZI, 2002, p. 54).

No passado, a pobreza era vista por boa parte das pessoas como sendo a falta de dinheiro; hoje, porém, tanto nas teorias tradicionais como na economia comportamental, a pobreza envolve muitas outras variáveis além da renda. É fato que renda é uma variável decisiva na classificação de pessoas pobres, mas ao considerarmos apenas essa variável, ignoramos uma parte significativa de outros fatores que parecem constituir a pobreza, em si. É, portanto, necessário que o conceito de pobreza e os mecanismos que a sustentam estejam claros, para que, assim, seja possível entender melhor o problema (MURAMATSU, 2015).

O IDH, bem como o PIB *per capita*<sup>2</sup>, tem suas limitações. Há algumas variáveis mais sensíveis à realidade e que não são capturadas por esses índices, como “o impacto de fatores cognitivos, emocionais e sociais no comportamento.” (CAMPOS FILHO; PAIVA, 2017, p. 2).

---

<sup>1</sup> O dólar PPC (Paridade do Poder de Compra) é utilizado na análise e comparação do poder de compra de moedas de diferentes países. É um método que relaciona o poder aquisitivo do indivíduo com o custo de vida local.

<sup>2</sup> O Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* é um indicador econômico que relaciona a riqueza da nação com a quantidade de habitantes.

A grande maioria dos economistas e formuladores de políticas econômica pressupõem que os indivíduos são plenamente racionais e que tomam decisões buscando satisfazer seus próprios interesses e maximizar suas utilidades (satisfação); no entanto, a ineficiência de algumas políticas públicas relacionadas a pobreza que contém o pressuposto da racionalidade plena implícita, tende a ser evidenciada quando seus impactos são avaliados (BANERJEE *et al.*, 2015).

A economia comportamental foi desenvolvida desde o final dos anos 1940, a partir do trabalho de Herbert Simon, onde pode ser encontrado o conceito de ‘racionalidade limitada’; ele consiste na suposição de que nem todas as escolhas são ótimas e que existem restrições ao processamento de informações pelos seres humanos, por haver limites de informações que podem ser absorvidas e processadas por eles (AVILA; BIANCHI, 2015).

Em 2017, o prêmio Nobel de economia foi concedido a Richard H. Thaler, que estudava as implicações do comportamento nas decisões individuais e os efeitos de certas intervenções. Até então, a economia comportamental não tinha recebido tanta atenção fora da academia. A partir daí o tema começou a ser discutido ainda mais frequentemente também por entusiastas e curiosos. Novas abordagens para o estudo da pobreza ganharam, também, atenção considerável depois do Prêmio de Ciências Econômicas em Memória de Alfred Nobel em 2019; ele foi concedido a três autores que propuseram mecanismos novos de aperfeiçoamento das políticas relativas à pobreza, a nível mundial, a partir da utilização de métodos experimentais que antes eram comumente utilizados por profissionais da área de saúde, como os estudos clínicos randomizados.

É importante que continuemos o estudo nesta área porque ainda existem, segundo dados do Banco Mundial de 2015, 10% da população mundial vivendo abaixo da linha da pobreza, delimitada em U\$ 1,90 (PPC 2011) por dia. Os últimos dados coletados do Brasil sugeriam que 4,4% da população brasileira viviam abaixo dessa linha, considerada extrema pobreza. Problemas como o desemprego podem atenuar os efeitos adversos da pobreza, como ilustrado na tabela 1 a seguir, em decorrência dos impactos causados pela pandemia do Novo Coronavírus, no início de 2020, o Brasil registrou, no trimestre formado por abril, maio e junho, uma taxa de desocupação de

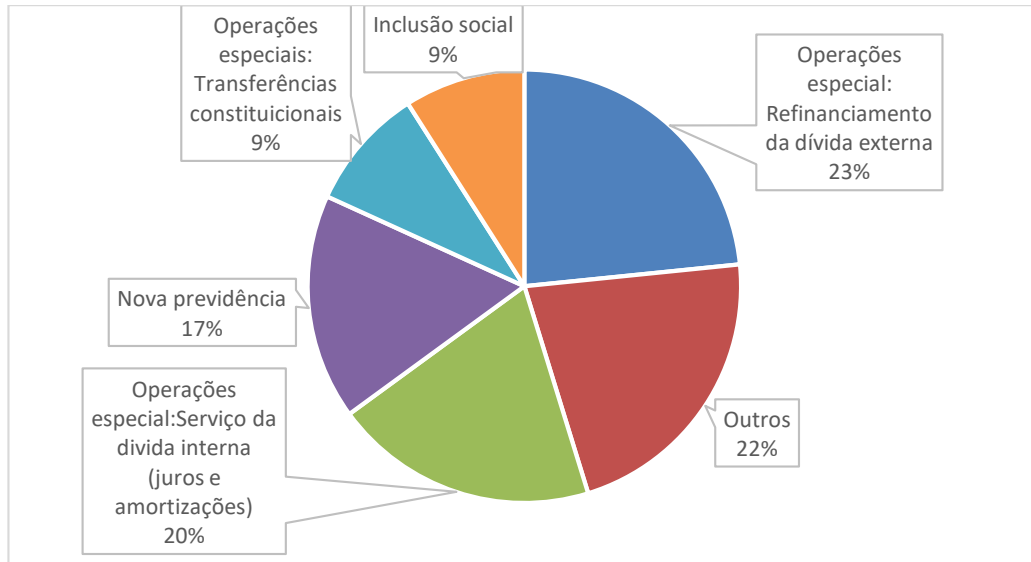
13,3%, representando um aumento de 1,1% em relação ao trimestre anterior e 1,3% em relação ao mesmo período do ano anterior (IBGE, 2020).

Tabela 1 - Quadro Sintético dos dados de desemprego do IBGE 2019

Indicadores		Estimativas dos trimestres móveis			Varição em relação ao trimestre jan-fev-mar/2020	Varição em relação ao trimestre abr-mai-jun/2019
		abr-mai-jun 2019	jan-fev-mar 2020	abr-mai-jun 2020	Diferença	Diferença
<b>Taxas (%)</b>	Taxa de desocupação	12,0	12,2	13,3	1,10	1,30

Fonte: adaptado do IBGE (2020)

Como ilustrado no gráfico 1 a seguir, até outubro de 2020, o governo federal havia gasto cerca de 229 bilhões de reais no pagamento do auxílio emergencial a pessoas físicas e jurídicas em situação de vulnerabilidades devido a pandemia (BRASIL, 2020). O Banco Mundial estima que até o final de 2020, 22,7% da população brasileira deve estar abaixo da linha da pobreza (BANCO MUNDIAL, 2020). Os gastos totais referentes a programas e ações orçamentárias, chegam a R\$ 272 bilhões, aproximadamente. O que representa 9,03% de tudo que foi pago pelo governo até o momento (BRASIL, 2020).

**Gráfico 1 - Percentual da execução da despesa por Programas e Ações Orçamentárias**

Fonte: Criado a partir de dados de despesas do Governo Federal do Brasil (2020).

Apesar de consideradas recentes frente as teorias tradicionais, as notáveis contribuições da economia comportamental para o desenho de políticas públicas relacionadas à pobreza, reconhecidas tanto pela academia quanto pelas outras pessoas, são de grande importância para que seja possível lidar melhor com o problema em questão (CAMPOS FILHO; PAIVA, 2017). Os Estudos Clínicos Randomizados, que serão descritos e discutidos nesta monografia, têm mostrado potenciais vantagens na hora de se desenhar as políticas, sejam públicas ou privadas, que lidam com a pobreza mais baratas e eficazes.

As ferramentas utilizadas na economia comportamental podem dar uma nova visão para que os formuladores enxerguem mais claramente o comportamento das pessoas que vivem marginalizadas, seja por políticas ineficientes ou por falta de incentivos reais que motivem os formuladores a criar métodos mais efetivos.

A economia comportamental tem sido utilizada como uma das principais ferramentas que auxiliam o combate da pobreza no mundo (CAMPOS FILHO; PAIVA, 2017). Em comparação com as teorias mais tradicionais, a economia comportamental traz uma nova perspectiva a respeito das escolhas, bem como do comportamento dos indivíduos, no geral. Desde seu início, alguns conceitos vêm sendo utilizados, cada vez com mais

frequência, como forma de ajudar a entender de qual modo e por quê os indivíduos fazem escolhas inadequadas ou irracionais.

Descobertas da economia comportamental sugerem que indivíduos que vivem em situação de extrema pobreza podem apresentar comportamentos que contradizem o pressuposto da racionalidade plena. Alguns autores como Mullanaithan e Shafir (2013):

Sugerem que a abordagem comportamental da pobreza nos ajuda a compreender o complexo comportamento decisório que a própria condição de escassez carrega. A pobreza molda a percepção de insegurança e a aversão à perda dos destituídos. Adicionalmente, distorce a qualidade do processamento de informação de modo tal que sua atenção e preferências priorizam resultados menores de curto prazo. Consequentemente, perde-se a habilidade de se planejar e de se comprometer com a obtenção de maiores resultados futuros (*apud* AVILA; BIANCHI, 2015, p. 158).

O conjunto de ferramentas oferecido pela economia comportamental, tem se mostrado eficiente no tratamento da pobreza (CAMPOS FILHO; PAIVA, 2017). Um problema não tão recente que, embora tenha diminuído bastante no conjunto das últimas décadas, tem um grande potencial de voltar com mais força devido a pandemia do Coronavírus (BBC NEWS BRASIL, 2020).

No final do ano de 2019, a pandemia causada pela covid-19 pegou o mundo de surpresa, mas os principais afetados por ela foram, como de costume, os mais pobres. Por outro lado, um grande esforço global foi feito para proteger essas pessoas, não só dos efeitos da doença, mas também dos efeitos econômicos que as medidas de restrição poderiam causar, diversos países se utilizaram de políticas fiscais e monetárias afim de conter os efeitos da pandemia (PODER 360, 2020). As medidas adotadas pelos países incluíam, principalmente, restrições à entrada e saída de pessoas entre países e até cidades, quarentenas totais, auxílios emergenciais para que as pessoas pudessem ficar em casa, interrupção de serviços não essenciais, proibição de aglomerações, entre outras (AGÊNCIA BRASIL, 2020).



Todas essas medidas afetam diretamente a economia como um todo. Os trabalhadores informais que trabalham com o comércio, oferecendo serviços, muitas vezes não essenciais, ficam impossibilitados de buscar sua renda, as crianças não podem ir às escolas, os adultos não têm onde deixa-las, o efeito de uma restrição à circulação de pessoas causa um efeito dominó que acaba atingindo a todos (IPEA, 2020).

Mas, se as medidas restritivas devem ser passageiras, bem como os benefícios liberados pelos governos, especula-se que os efeitos da interrupção da produção econômica podem se manifestar no médio e longo prazo; então, quando a crise pandêmica passar, caberá perguntar: As medidas foram suficientes para assegurar a saúde e a segurança econômica dos indivíduos, ou foram apenas medidas paliativas que possuem efeito imediato e não duradouros? A política pública relacionada ao combate da pobreza no Brasil, tem sido eficiente? Ela é avaliada? A economia comportamental pode nos ajudar a criar políticas públicas de combate à pobreza mais eficientes?

O presente trabalho tem como objetivo geral, contribuir com a reflexão sobre caminhos promissores na busca por políticas eficazes no combate à pobreza no Brasil. Para isso, serão resgatadas as relações já identificadas na literatura econômico-comportamental entre escassez, pobreza e comportamento dos indivíduos, além de levantadas e reunidas as ferramentas da economia comportamental que têm sido utilizadas no Brasil ou em outros países, na análise de políticas relacionadas a pobreza. E assim, propor linhas promissoras de soluções para os problemas econômicos que podem ser tratados com uma abordagem comportamental da pobreza no Brasil.

A próxima seção pretende reunir e relacionar os conceitos-chave; e faz um apanhado a respeito do arcabouço teórico comportamental. Na seção seguinte, será apresentado o método pelo qual o trabalho foi feito e, em seguida, uma seção com resultados e discussões, onde serão apresentados projetos que já foram implementados em outros países, bem como sua relevância para o tratamento da pobreza.

## 2 Referencial teórico-conceitual

### Escassez

No âmbito estritamente econômico, Mankiw (2005, p. 2) define escassez como sendo “a natureza limitada dos recursos da sociedade.” E ainda completa que:

Escassez significa que a sociedade tem recursos limitados e, portanto, não pode produzir todos os bens e serviços que as pessoas desejam ter. Assim como cada membro de uma família não pode ter tudo o que deseja, cada indivíduo de uma sociedade não pode ter um padrão de vida tão alto quanto aquele ao qual aspire.

Eldar Shafir e Sendhil Mullainathan (2016) trabalham a escassez num sentido mais amplo que o sentido físico definido por Mankiw, eles argumentam que:

A escassez captura nossa atenção, e isso proporciona um benefício estreito: fazemos melhor o trabalho de administrar necessidades prementes. Porém, de maneira mais ampla, isso tem um custo para nós: negligenciamos outros interesses e nos tornamos menos eficientes no restante da vida. Esse argumento não apenas ajuda a explicar como a escassez influencia nosso comportamento, ele também produz alguns resultados surpreendentes e lança uma nova luz sobre o modo como podemos agir para administrar a própria escassez.

Deste modo, a escassez pode assumir formas distintas que podem, através do desenho de políticas, influenciar as decisões dos indivíduos de diferentes formas. Podendo ter um impacto significativo nos resultados destas políticas.

### Economia Comportamental

Hal R. Varian (2014) entende Economia Comportamental por:

“Campo devotado ao estudo de como os consumidores realmente fazem suas escolhas. Nesse campo, empregam-se alguns dos *insights* da psicologia para desenvolver previsões sobre as

escolhas que serão feitas. Muitas dessas previsões contradizem as do modelo econômico convencional dos consumidores ‘racionalis’”.

Esta definição, associada ao comportamento dos consumidores é de relevância para o tema, pois, a partir da perspectiva comportamental, é possível observar e explicar comportamentos que contradizem a racionalidade pressuposta pela economia convencional.

Por outro lado, Richard Thaler (2015), um dos conhecidos expoentes do campo da economia comportamental considera que:

“Graças a um influxo de economistas jovens e criativos, dispostos a assumir alguns riscos e romper com os modos tradicionais de fazer economia, o sonho de uma versão enriquecida da teoria econômica está sendo realizado. O campo veio a se tornar conhecido como ‘economia comportamental’. Não se trata de outra disciplina: ainda é economia, mas é economia feita com fortes contribuições de boa psicologia e de outras ciências sociais. ”

A economia comportamental resgata conceitos e contribuições de outras áreas, o que enriquece sua abordagem com novas perspectivas a respeito das escolhas dos indivíduos.

Para Campos Filho e Paiva (2017, p.2):

A emergência da economia comportamental, assim, deriva do questionamento do modelo do agente racional e seus pressupostos de plena racionalidade. No lugar de pautar-se por um modelo excessivamente simplificado e estabelecido a priori, a economia comportamental estabelece-se a partir de uma abordagem empírica dos processos decisórios humanos.

O campo da Economia Comportamental, como será visto, pode contribuir muito para o tratamento de diversos problemas por ser uma abordagem mais humana, que inclui aspectos mais reais às suas análises.

## Experimento de campo

Apesar de serem, antes, utilizado com mais frequência em estudos da área de saúde, os Experimentos Controlados Randomizados (ECRs) foram introduzidos à abordagem comportamental afim de se obter dados que pudessem ser comparados:

Os experimentos de campo mais populares na literatura de desenvolvimento são os chamados experimentos randomizados controlados (*randomized controlled trials*). Eles oferecem maneiras diretas de obtenção de informação sobre escolhas individuais. Também são usados para examinar simultaneamente a eficácia relativa de várias intervenções ou programas, pois alocam os indivíduos aleatoriamente no grupo de tratamento (expostos a pelo menos uma política) e no grupo de controle (não submetido a nenhuma intervenção). Desta forma, os resultados tornam-se passíveis de comparação (DUFLO, *et al.* 2008 *apud* AVILA e BIANCHI, 2015, p. 159).

Os ECRs consistem no método de separar aleatoriamente dois grupos de amostras que receberão intervenções distintas a fim de comparar e analisar os efeitos de cada uma delas. Com grande potencial para avaliar impactos e indicar intervenções mais eficientes, os ECRs ganharam visibilidade com os trabalhos do trio formado por Esther Duflo, Abhijit Banerjee e Michael Kremer, vencedores do Nobel de economia em 2019. A ferramenta foi amplamente utilizada em políticas de diversas áreas como saúde, educação, mercado de trabalho, finanças, entre outros.

Entretanto, há relutância por parte de muitos economistas em trazer técnicas de experimentação para o desenvolvimento de teorias, seja por questões éticas ou por críticas aos métodos utilizados e suas limitações (SAMSON, 2015).

Dentre os trabalhos nos quais participaram, há um famoso experimento de longo prazo feito no Quênia, sobre o uso de vermífugos em crianças e o seu impacto na produtividade dos participantes no mercado de trabalho 10 anos depois. Sarah

Baird, *et al* (2016), descobriram que o uso de remédios para verme durante a infância, aumentava a produtividade dos futuros trabalhadores em comparação aos trabalhadores que não receberam tratamento. Também descrevem na análise custo-benefício da política que o tratamento chega a ser vantajoso para as contas públicas, pois, o retorno que o grupo gerou em produtividade 10 anos depois, é maior que o gasto público para manter o tratamento com vermífugos durante a infância dos participantes.

Um outro trabalho publicado por Banerjee *et al.* (2019) que analisava se as micro finanças<sup>3</sup> poderia ajudar empreendedores a sair da armadilha da pobreza na Índia entre 2006 e 2010, sugere que políticas de empréstimos com juros menores que os de mercado para empreendedores, surte um efeito positivo na vida dos indivíduos que receberam o benefício e aumentaram consideravelmente suas riquezas em 6 anos.

Os ECRs têm demonstrado a importância de considerar fatores psicológicos na análise da tomada de decisão por pessoas mais pobres; e de que forma esses fatores influenciam suas decisões (BANERJEE; DUFLO, 2012).

## 2.1 Conceitos-chave e tendências cognitivas

Existem vários conceitos fundamentais que são importantes para entender melhor o processo de tomada de decisão dos indivíduos; esses conceitos são importantes porque decisões tomadas por meio desses processos são consideradas irracionais por não considerarem informações importantes para a escolha considerada racional, seja por presunção, ou mesmo por conceitos pré-estabelecidos, que distorcem as escolhas.

A utilização desses conceitos tem ficado evidente com o passar dos anos e das publicações de autores como Kahneman, Tversky e Thaler. Os padrões criados por esses mecanismos, como os vieses e as heurísticas, que serão explicadas mais

---

<sup>3</sup> São serviços financeiros oferecidos a população de baixa renda, dentre eles estão: poupança, empréstimos, seguros, afim de introduzi-los no mercado financeiro.

a frente, parecem afetar os pobres numa escala ainda mais forte, em comparação com pessoas não pobres (BANERJEE; MULLAINATHAN 2009, KARLAN *et al.* 2014 *apud* MARAMATSU, 2015).

### **Racionalidade limitada**

A teoria da racionalidade limitada, proposta originalmente por Herbert Simon (1947), admite que os indivíduos nem sempre tomam decisões ótimas, seja porque não possuem todas as informações disponíveis, ou porque não possuem cognição suficiente para processá-las. Utilizando heurísticas, que são métodos encontrados pelo cérebro para facilitar as escolhas dos indivíduos, algumas informações acabam sendo ignoradas, o que pode ser útil em alguns casos, porém, quando isso acontece sistematicamente é chamado de viés cognitivo, pois configura decisões que fogem do que seria considerado racional.

Alguns comportamentos de pessoas que vivem em situação de pobreza, se enquadram nesse tipo de racionalidade, a explicação para isso está diretamente relacionada com a escassez de recursos, o que perpetua a pobreza desses indivíduos (HAUSHOFER; FEHR, 2015).

### **Heurísticas**

As heurísticas são maneiras que o cérebro encontra para facilitar escolhas, usados para processar informações com mais rapidez e podem induzir a erros de avaliação sistemáticos, bem como criar lacunas de influência entre as intenções do planejamento e as ações executadas (CODAGNONE, 2015).

São exemplos de heurística: a heurística de afeto, que são sentimentos, sejam eles bons ou ruins, que estão associados a objetos; e a heurística de ancoragem, que são quando a exposição a um número serve como referência espúria e influencia decisões subsequentes relacionadas a valores (SAMSON, 2015).

Conceituar heurística é importante para entender melhor o comportamento dos indivíduos pobres porque segundo Bertrand et al. (*apud* MURAMATSU, 2015), muitos de suas decisões são feitas por meio desse processo.

### **Viés cognitivo**

Para Ariely (*apud* SAMSON, 2015), um viés cognitivo é um erro sistemático de pensamento e que foge da lógica formal do que seria considerado racional. É frequentemente associado a pessoas em situação de privação de recursos, como a pobreza, seja pela quantidade insuficiente de informações que estes indivíduos possuem disponível para tomarem melhores decisões, ou pela incapacidade de processá-las que pode ser prejudicada pelo ambiente de privações.

### **Sistema dual de decisão**

Samson (2015) esclarece que este modelo, proposto originalmente por Kahneman e Tversky, sugere que as decisões são feitas por meio de dois tipos de processo: automático e deliberativo.

No sistema automático, que é o mais utilizado, as decisões são feitas automaticamente, de maneira praticamente imperceptível pelos indivíduos e está mais ligada a parte inconsciente do processo de escolha.

O sistema deliberativo complementa o sistema automático e está ligado às reflexões e raciocínio, quando os indivíduos são confrontados por questões mais complexas e que requerem maior esforço cognitivo.

### **Viés de confirmação**

O viés de confirmação ocorre quando as pessoas buscam ou preferem informações que condizem com seus próprios pensamentos já formados (PLOUS, 1993).

Para Samson (2015), este viés não foge do campo das ciências, onde se deve ter um caráter crítico, mas é frequentemente utilizado para defender ou criticar teorias com base em informações pré-concebidas.

### **Viés do conservadorismo**

De acordo com Edwards (1968, *apud* Kahneman et al. 1982), o viés do conservadorismo sugere que as vezes, indivíduos dão muita importância às suas próprias convicções e resistem a acreditar em novos fatos e evidências, demonstrando uma resistência a revisar suas próprias crenças.

### **Aversão à perda e viés do *status quo***

Em economia, a utilidade é muito utilizada para indicar as preferências dos consumidores, a fim de simplificar, a teoria assume que os indivíduos são avessos ou amantes do risco e com isso é possível esperar algumas reações por meio da teoria do consumidor. Ávila e Bianchi (2015, p. 196) resumem que:

A aversão à perda refere-se à dificuldade demonstrada em reconhecer que escolhas passadas resultaram em fracasso financeiro, levando a maioria dos indivíduos a reter ações selecionadas anteriormente durante um período de tempo superior ao devido, ao invés de simplesmente realizar perdas e redirecionar seus recursos para outras opções. Além do efeito disposição, a aversão à perda pode auxiliar a explicar o efeito custos irrecuperáveis, fenômeno no qual os indivíduos demonstram falhas em ignorar custos que não podem mais ser recuperados e, até mesmo, em continuar investindo em projetos não obstante a improbabilidade de obter retornos positivos, contrariando dessa forma o comportamento predito como racional.

A aversão à perda é um dos fatores que podem contribuir para que os pobres prefiram manter o *status quo*<sup>4</sup> a sair da zona de ‘conforto’ buscando outros resultados melhores, o que configura o viés do *status quo*.

---

<sup>4</sup> Status quo é um termo designado ao estado atual das coisas.



## **Desconto hiperbólico**

Decisões que envolvem tempo, como poupar, investir, consumir, estudar, praticar exercícios físicos, podem ser muito conflitantes, isso se dá porque os indivíduos possuem tendência a priorizarem atividades que lhe deem retorno imediato, o desconto hiperbólico é explorado na economia comportamental como justificativa para que decisões incoerentes com o que seria racional sejam tomadas.

Um indivíduo com racionalidade plena faria seus planos para o futuro usando uma taxa de desconto constante, enquanto na economia comportamental, o indivíduo com sua racionalidade limitada, dá muito mais importância ao desconto no longo prazo do que no curto prazo (VARIAN, 2014).

Banerjee e Duflo (2017) sugerem que os pobres estão mais suscetíveis a tomarem decisões que garantam recompensas imediatas e isso pode ser um dos fatores que os mantêm em situação de pobreza.

## **Arquitetura da escolha**

A arquitetura da escolha é uma das ferramentas mais utilizadas na abordagem comportamental da pobreza. Consiste em formar opções que facilitem as escolhas por parte dos indivíduos ou podem ser utilizadas de modo a persuadir uma escolha caso o indivíduo esteja indeciso ou mesmo inerte à tomada de decisão. Ela pode evitar que os indivíduos deixem de fazer escolhas ou continuem com suas escolhas mesmo que essas não os façam bem. É tida pela “prática de influenciar a escolha mudando a maneira como as opções são apresentadas às pessoas.” (AVILA; BIANCHI, 2015, p. 363).

## ***Nudge* e paternalismo libertário**

Também conhecido como “empurrãozinho” pelos mais familiarizados com o termo, a definição de *nudge* costuma sempre vir associada à uma discussão sobre paternalismo e a interferência na escolha dos indivíduos. Os maiores disseminadores do termo, Thaler e Sunstein (2008), argumentam que diferente do paternalismo de outras intervenções menos sutis, o paternalismo libertário garante a manutenção ou mesmo uma melhora no leque de escolha dos indivíduos. Assim, na concepção dos autores, o *nudge* é dado por:

[...] qualquer aspecto da arquitetura de escolha que altera o comportamento das pessoas de um modo previsível sem proibir quaisquer opções nem alterar significativamente seus incentivos econômicos. Para que uma intervenção seja considerada um mero *nudge*, deve ser fácil e barato evitá-la. *Nudges* não são imposições. [...] (THALER; SUNSTEIN, 2008, p. 14).

Sendo uma das ferramentas mais utilizadas na abordagem comportamental como um todo, em políticas direcionadas aos pobres, o *nudge* é frequentemente utilizado na formulação de políticas que buscam alterar alguns vieses que pessoas pobres possuem.

## **Armadilha da pobreza**

A perspectiva da armadilha da pobreza sugere que algumas pessoas muito pobres se encontram em um lugar de onde dificilmente sairão sem ajuda externa. Banerjee e Duflo (2011) esclarecem que “Haverá uma armadilha da pobreza sempre que o espaço para aumentar a renda ou riqueza à uma taxa muito rápida for limitada para aqueles que têm muito pouco para investir, mas se expande dramaticamente para aqueles que podem investir um pouco mais.”

Especula-se, entretanto, que a pobreza não apenas se resume a capital físico ou financeiro que restringem a autonomia das pessoas e suas capacidades de

superação da pobreza, o cenário no qual estão inseridas e suas implicações, são de suma importância para determinar se há ou não uma armadilha da pobreza (BANERJEE *et al.*, 2015).

### **3 Metodologia**

A pesquisa foi um trabalho teórico, feito por meio de uma revisão bibliográfica, sendo utilizados dados de fontes oficiais, onde foram resgatadas as relações já identificadas entre pobreza, escassez e o comportamento dos indivíduos; e que foram necessárias para a compreensão da forma como são desenhadas as políticas econômico comportamentais e suas ferramentas.

A fim de reunir ferramentas da economia comportamental que podem ser utilizadas na formulação de políticas de combate à pobreza no Brasil, foi feita uma pesquisa onde foram consultados relatórios de projetos, livros disponibilizados tanto na internet, como em livrarias e bibliotecas públicas, revistas científicas, artigos de jornais, entre outras fontes disponíveis. Feita a tradução, leitura e reunidos os conceitos chaves e ferramentas relevantes, foram introduzidas no presente trabalho.

A pesquisa documental foi feita utilizando materiais que ainda não receberam tratamento analíticos, a partir da qual, realizou-se uma análise crítica e a comparação dos resultados de políticas com abordagem comportamental já implementadas utilizando-se da avaliação indutiva e dedutiva. Delimitando a autores e projetos que trabalhassem ou envolvessem a abordagem comportamental da pobreza.

É importante ressaltar que as limitações do método de pesquisa escolhido para o trabalho são, em grande parte, porque apesar de ter avançado muito nos últimos anos, as pesquisas nessa área no Brasil ainda são pouco frequentes, então, grande

parte das políticas implementadas são de outras partes do mundo. Mas, isso também serve para ressaltar a importância do trabalho.

A busca por políticas relacionadas à pobreza que utilizassem a abordagem comportamental já implementadas no Brasil mostrou que ainda são poucos os projetos com esse formato e que há uma janela de oportunidade que pode ser explorada. Até mesmo os projetos que utilizam a abordagem comportamental para outros fins, ainda são recentes. Mas, para que houvesse um arcabouço teórico legítimo, foram necessárias fontes de diversos autores ao redor do mundo e que contribuem para o tema com uma frequência maior.

#### **4 Resultados e discussão**

É importante ressaltar que a teoria econômica comportamental não busca contradizer a teoria econômica tradicional já estabelecida e seus pressupostos, mas tenta complementá-la e enriquecê-la, a fim de trazer aspectos mais humanos para a análise e, deste modo, encontrar soluções mais eficientes que as atuais.

Haushofer e Fehr (2015, p. 141) também pontuam que:

Duas ressalvas se fazem necessárias logo de início. Primeiro, a pobreza se caracteriza não apenas por renda insuficiente, mas também pela disfuncionalidade de instituições, exposição à violência e crime, dificuldade de acesso a serviços de saúde e grande número de outros obstáculos e inconveniências. Essa diversidade complica um relato único e simples da relação entre pobreza e psicologia. No entanto, um primeiro passo útil poderia ser tomar por base a pobreza material como elemento central e poderoso para prever as características acessórias da pobreza mencionadas acima. Segundo, quando indagamos se a pobreza pode se auto reforçar por meio de canais psicológicos, não estamos sugerindo que os pobres são culpados por sua pobreza. É o ambiente de privações no qual a pessoa nasceu que desencadeia processos capazes de reforçar a penúria. Por esse ângulo, qualquer um de nós poderia ser pobre não fosse por certas coincidências do ambiente.

Fica claro, portanto, a importância da discussão a respeito da definição de pobreza em todo o seu alcance. Além disso, os estigmas pré-estabelecidos podem dificultar a formulação de políticas mais pontuais e condizente com a realidade das pessoas pobres.

Campos Filho e Paiva (2017, p. 4) concluem que:

Políticas de superação da pobreza podem se beneficiar de insights comportamentais, adotando em sua comunicação, seu desenho (especialmente, na sua arquitetura de escolha) e na sua implementação elementos que melhorem a qualidade das decisões tomadas por seus potenciais beneficiários. A utilização de intervenções orientadas por uma perspectiva comportamental parece ter um campo vasto para melhorar a eficiência e a efetividade dessas políticas.

A realização de um programa direcionado à população vivendo em extrema pobreza, moldado por economistas comportamentais e outros profissionais em seis países de três continentes, demonstrou que os resultados alcançados pelo programa multifacetado foram melhores e mais sustentáveis que outras intervenções de curto prazo (BANERJEE *et al.*, 2015).

O programa, coordenado pela BRAC (*Bangladesh Rural Advancement Committee*)<sup>5</sup>, ONG internacional localizada em Bangladesh que trabalha com desenvolvimento rural, entre os anos de 2007 a 2014, integrava seis atividades que buscavam garantir autonomia e aumentar o consumo das famílias participantes, participaram do programa: Etiópia, Gana Honduras, Índia, Paquistão e Peru. De acordo com Banerjee *et al.* 2015), as atividades eram:

- 1- Transferência de insumos produtivo, sendo uma transferência única de um insumo produtivo.
- 2- Suporte ao consumo com transferências regulares de alimentos ou dinheiro por alguns meses acerca de um ano.

---

<sup>5</sup> Em português: Comitê de desenvolvimento Rural de Bangladesh. (Tradução nossa)

3- Treinamento de habilidades técnicas para gerenciar os insumos produtivos recebidos.

4- Visitas domiciliares frequentemente a fim de prestação de contas e auxílio aos participantes.

5- Acesso a uma conta poupança e, em alguns casos, um serviço de cobrança de depósitos e/ou uma poupança compulsória. (Devido a dificuldades encontradas em alguns locais com sistemas financeiros menos sólidos).

6- Acesso a sistemas de saúde, educação e autocuidado por meio de sistemas públicos ou organizações não governamentais.

O resultado encontrado pelos pesquisadores só foi possível graças aos métodos experimentais e a utilização de ECRs, comparando os efeitos do programa reajustado para uma abordagem comportamental, os resultados, em geral, foram muito mais positivos. Banerjee *et al.* (2015) também argumenta que o objetivo do trabalho foi atingido e que é possível melhorar a vida de pessoas vivendo em situação de pobreza com políticas relativamente de curto prazo e obter resultados mais sustentáveis e duradouros. Segundo os autores, o programa garantiu pelo menos um ano de aumento no consumo, no geral (BANERJEE *et al.*, 2015).

Os autores concluem que os programas utilizando mecanismos subjacentes ao referido trabalho são positivos e eficazes. Mas, encontraram algumas dificuldades no que diz respeito a comparação de alguns componentes. Por exemplo, os autores indagam em certo momento se é mais eficiente dar dinheiro diretamente, como fazia um programa no Quênia, ou se é melhor oferecer insumos produtivos e instrução de uso; porém, não respondem a essa pergunta nesse trabalho porque o tempo dos estudos foram muito diferentes impossibilitando a comparação dos dados. Ainda assim, sugerem que seja um impacto que valha a pena ser aprofundado. Por fim, ressaltam que se implementado numa escala maior, o programa poderia resultar em resultados tão positivos quanto na escala em que foi implementado.

Junto com o Ministério da Educação peruano, o Banco Mundial (2018) desenvolveu um projeto chamado “*Expand Your Mind*” afim de desenvolver

motivação e resiliência em alunos da 7ª e 8ª série da rede pública de ensino.<sup>6</sup> O projeto contou, inicialmente, com 50.000 alunos de 800 escolas, escolhidas aleatoriamente, de 3 regiões do país e custou \$ 0,20 por aluno. Posteriormente, o programa alcançou 250 mil crianças quando aplicado em outras partes do mundo.

Era constituído por sessões de 90 minutos com discussões entre professores e alunos a respeito de um artigo intitulado “*How Brains Can Grow*”, posteriormente, o projeto foi replicado em outros países e apresentou resultados semelhantes.<sup>7</sup> Como resultado do projeto, os alunos tiveram um desempenho melhor nos testes de matemática e idioma, como se estivessem quatro meses à frente. Os efeitos são notados até 14 meses depois da política, sugerindo que houve uma mudança na mentalidade dos participantes. Por considerar aspectos psicológicos e emocionais na formulação da política, o projeto “*Expand Your Mind*” impactou positivamente a vida de mais de 250 mil pessoas e com um custo-benefício relativamente baixo.

Um outro estudo realizado com pais e alunos de escolas públicas no Brasil, entre 2016 e 2017; e publicado na *Social Science Research Network (SSRN)*<sup>8</sup>, utilizou *nudgs* em forma de mensagens instantâneas para incentivar que pais de alunos de escolas públicas motivassem seus filhos a respeito de suas carreiras. O trabalho de Linchard *et al.* (2020) recolheu informações dos alunos e de seus pais numa primeira pesquisa e num segundo momento, fizeram uma outra pesquisa por telefone a fim de recolher informações sobre os efeitos das preocupações financeiras nesses indivíduos, os participantes da pesquisa foram separados em dois grupos, um grupo experimental e outro grupo de controle.

Os pesquisadores ofereceram a oportunidade de investir num programa educacional para os grupos e observaram que os pais que mais se preocupavam com o pagamento das contas no final do mês, não só optavam pelo investimento que rendia menos, como tinham preferência pelo que tivesse retorno mais

---

<sup>6</sup> “Expand Sua Mente” (Tradução nossa)

<sup>7</sup> “Como Cérebros Podem Crescer” (Tradução nossa)

<sup>8</sup> “Rede de Pesquisa em Ciência Social” (Tradução nossa)

imediatos. Os autores argumentam que políticas de financiamento estudantil direcionadas a esse público podem ser ineficazes, pois, a pobreza impacta psicologicamente os indivíduos fazendo com que eles façam uma má alocação dos recursos.

Bertrand *et al.* (2004) sugerem que as dificuldades encontradas pelos indivíduos pobres podem ser solucionadas ainda na formulação de políticas comportamentais. Com regras transparentes, sem os constrangimentos para conseguir acesso a programas sociais, fazendo com que as pessoas se sintam mais dignas e, assim, não evitem se inscrever num programa social, por exemplo.

O Relatório Sobre o Desenvolvimento Mundial: Mente, Sociedade e Comportamento (BANCO MUNDIAL, 2015) traz algumas contribuições importantes sobre políticas públicas relacionadas à pobreza; e que podem ser úteis para implementação de projetos no Brasil. A síntese de estudos realizados em diversos países, descreve diferentes intervenções que vão, desde lembretes por meio de mensagem de texto incentivando adesão ao tratamento de HIV no Quênia, até transferências monetárias para influenciar matrículas escolares na Colômbia.

Outra contribuição importante para formulação de políticas por abordagem comportamental é dada pelo *MINDSPACE* (2018), um relatório elaborado pelo *Institute for Government*, uma instituição independente que visa melhorar o desenho de políticas públicas no governo do Reino Unido aplicando *insights* comportamentais. Dolan *et al.* (2018) oferece um arcabouço único com contribuições importantes para o campo das ciências comportamentais. O nome *MINDSPACE* vem do acrônimo das seguintes palavras em inglês: Mensageiro, Incentivos, Normas, Padrão, Importância, Preparação, Afeto, Compromisso e Orgulho.

Cada um desses aspectos é trabalhado de modo a alterar o comportamento por meio das políticas. Alguns dos aspectos estão relacionados com a processo



automático de escolha e outros com o deliberativo, mas eles se relacionam entre si e oferecem uma ferramenta útil na formulação de políticas comportamentais.

Políticas que levam em consideração um comportamento humano mais realista, se mostram eficientes por possuírem soluções simples, porém, mais incisivas. Para Bertrand *et al.* (2004), ignorar esses fatores pode ser prejudicial para a eficácia de um projeto. Para ela, mais pesquisas comportamentais devem ser feitas a fim de encontrar soluções mais simples e menos custosas.

## 5 Conclusões

O presente trabalho focou em resgatar e reunir o máximo de informações e teorias que auxiliam na formulação das políticas de superação da pobreza e que se relacionam com os conceitos de escassez, pobreza e economia comportamental.

No decorrer do trabalho foram apresentadas as principais ferramentas conceituais e experimentais que são amplamente utilizadas pelos teóricos comportamentais. Algumas ferramentas embora sejam de uso difundido em boa parte dos países desenvolvidos, ainda não são implementadas com frequência pelos formuladores no Brasil, uma situação que parece ter tendência a mudar conforme mais trabalhos surjam com resultados mais esclarecidos. O arcabouço teórico da teoria comportamental que trata da pobreza é muito enxuto e possui a ainda existe bastante espaço para que seja difundido no Brasil.

Grande parte dos teóricos comportamentais de que a escassez cria mecanismos cognitivos que dificultam as decisões das pessoas que vivem em situação de pobreza. Os resultados das análises de programas que possuem essas características implícitas sugerem que a economia comportamental e experimental tem grande potencial de auxiliar a tomada de decisões por parte não só dos indivíduos pobres, como do formulador de políticas públicas que cria os programas sociais e da sociedade como um todo.

Embora sejam comprovadamente eficazes, as políticas defendidas nesse trabalho custam a ser implementadas por diversos fatores, sejam eles políticos, sociais

econômicos ou financeiros. Também é conhecido que os próprios formuladores de políticas também estão suscetíveis aos efeitos de vieses e heurísticas. No geral, os benefícios que essas políticas trazem podem ajudar a criar um mundo melhor e com menos escassez de recursos que o atual.

## Referências

ABHIJIT, B. et al. "*Can Microfinance Unlock a Poverty Trap for Some Entrepreneurs?*" *National Bureau of Economic Research. Working paper Series*, 2019. doi: 10.3386/w26346. Disponível em:<<http://www.nber.org/papers/w26346>>. Acesso em: 30 out. 2020

AVILA, F.; BIANCHI, A. (Orgs.), 2015. **Guia de Economia Comportamental e Experimental**. São Paulo. [EconomiaComportamental.org](http://EconomiaComportamental.org). Disponível em:<[www.economiacomportamental.org](http://www.economiacomportamental.org)>. Licença: Creative Commons Attribution CC-BY-NC – ND 4.0. Acesso em: 29 jul. 2020

BAIRD, S. et al. "*Worms at Work: Long-run Impacts of a Child Health Investment.*" *The quarterly journal of economics* vol. 131,4 (2016): 1637-1680. doi:10.1093/qje/qjw022. Disponível em:<[https://scholar.harvard.edu/files/kremer/files/worms-at-work\\_2016-07-12\\_final\\_clean\\_01.pdf](https://scholar.harvard.edu/files/kremer/files/worms-at-work_2016-07-12_final_clean_01.pdf)>. Acesso em: 30 out. 2020

BANCO MUNDIAL. **Covid-19 no Brasil: Impactos e respostas de políticas públicas**. *World Bank Group*, 2020. Disponível em:<<https://www.worldbank.org/pt/country/brazil/publication/covid-19-in-brazil-impacts-policy-responses>>. Acesso em: 17 ago. 2020

BANCO MUNDIAL. **Improving Student Outcomes for Only Twenty Cents (English)**. eMBED brief Washington, D.C. : World Bank Group. 2018. Disponível em:<<http://documents.worldbank.org/curated/en/866351517954088018/Improving-Student-Outcomes-for-Only-Twenty-Cents>>. Acesso em: 31 out. 2020

BANCO MUNDIAL. **Relatório sobre o desenvolvimento mundial 2015: mente, sociedade e comportamento**. Washington, DC: Banco mundial, 2015. Disponível em:<<https://www.worldbank.org/content/dam/Worldbank/Publications/WDR/WDR%202015/Overview-Portuguese.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2020

BANERJEE, A. V.; DUFLO, E. *Poor Economics: rethinking the poverty & the ways to end it*. Chicago, 2011, p. 17.

BANERJEE, A. V.; DUFLO, E. *The economic lives of the poor. The journal of economic perspectives*, v. 21, n. 1, p. 141-167, 2007.

BANERJEE, A. et al. *A Multifaceted Program Causes Lasting Progress for the Very Poor: Evidence from Six Countries.*” *Science* 348, no. 6236 (May 14, 2015): 1260799–1260799. Disponível em: <<https://dspace.mit.edu/handle/1721.1/97047>>. Acesso em: 26 Jul. 2020.

BARRUCHO L. Coronavírus: pandemia pode jogar até 14 milhões de brasileiros na pobreza, diz estudo. **BBC News Brasil**. Londres. 12 jun. 2020. Disponível em:<<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53020785>>. Acesso em: 20 out. 2020

BERTRAND, M. *at al. A behavioral-economics view of poverty. The American Economic Review*, v. 94, n. 2, p. 419-423, 2004.

BRASIL. Ministério da Cidadania. **Portal da transparência, 2020**. Disponível em:<<http://ww.portaldatransparencia.gov.br/despesas>>. Acesso em: 30 out. 2020

CAMPOS FILHO, A. C.; PAIVA, L. H. **Insights comportamentais e políticas de superação da pobreza**, *Policy Research Brief 60, International Policy Centre for Inclusive Growth*, 2017. Disponível em:<[https://ipcig.org/pub/port/PRB60PT\\_Insights\\_comportamentais\\_politicas\\_de\\_supecao\\_da\\_pobreza.pdf](https://ipcig.org/pub/port/PRB60PT_Insights_comportamentais_politicas_de_supecao_da_pobreza.pdf)>. Acesso em: 26 Jul. 2020

CODAGNONE, C., et al. Parte V/Capítulo IV. In Avila, F. e Bianchi, A. (Orgs.)(2015). **Guia de Economia Comportamental e Experimental**. São Paulo. EconomiaComportamental.org. Disponível em: <[www.economiacomportamental.org](http://www.economiacomportamental.org). Licença: Creative Commons Attribution CC-BY-NC – ND 4.0> . Acesso em: 01 nov. 2020

EDWARD, W. *"Conservatism in Human Information Processing (excerpted)"*. Em Daniel Kahneman, Paul Slovic e Amos Tversky. (1982). *Judgment under uncertainty: Heuristics and biases*. New York: Cambridge University Press. 1968.

FERRARI, H. Covid-19: países adotam medidas para aquecer economia e evitar recessão. **Poder 360**. Brasília. 15 mar. 2020. Disponível em:<<https://www.poder360.com.br/economia/covid-19-paises-adotam-medidas-para->

aquecer-economia-e-evitar-recessao/>. Acesso em: 20 out. 2020

HALPERN, D. *et al.* *Mindspace*. London: *Institute for Government, the Cabinet Office*. 2010. Disponível em: <<https://www.instituteforgovernment.org.uk/publications/mindspace>>. Acesso em: 01 nov. 2020

HAUSHOFER, J.; FEHR, E. Parte II/Capítulo X. In Avila, F. e Bianchi, A. (Orgs.)(2015). **Guia de Economia Comportamental e Experimental**. São Paulo. EconomiaComportamental.org. Disponível em:<[www.economiacomportamental.org](http://www.economiacomportamental.org)>. Licença: Creative Commons Attribution CC-BY-NC – ND 4.0. Acesso em: 30 out. 2020

JANNUZZI, P. M. Considerações sobre o uso, mau uso e abuso dos indicadores sociais na formulação e avaliação de políticas públicas municipais. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 51 a 72, jan. 2002. ISSN 1982-3134. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6427/5011>>. Acesso em: 26 Jul. 2020

LICHAND, G. *et al.* ***The psychological effects of poverty on investments in children's human capital***. 2020. Disponível em:<[https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=3644127](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3644127)>. Acesso em: 31 out. 2020

MANKIW, N. G. **Introdução à Economia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. Cap. 1.

MULLAINATHAN S.; SHALFIR E. **Escassez**: Uma nova forma de pensar a falta de recursos. Tradução de Bruno Casotti. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: *Best Business*, 2016, p. 23.

MURAMATSU R. Parte III/Capítulo I. In Avila, F. e Bianchi, A. (Orgs.)(2015). **Guia de Economia Comportamental e Experimental**. São Paulo. EconomiaComportamental.org. Disponível em:<[www.economiacomportamental.org](http://www.economiacomportamental.org)>. Licença: Creative Commons Attribution CC-BY-NC – ND 4.0. Acesso em: 30 out. 2020

NERY, C. Extrema pobreza atinge 13,5 milhões de pessoas e chega ao maior nível em 7 anos. **Agência IBGE Notícias**, Brasil, 07 nov. 2019. Disponível em:<<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25882-extrema-pobreza-atinge-13-5-milhoes-de-pessoas-e-chega-ao-maior-nivel-em-7-anos>>. Acesso em: 26 jul. 2020.

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS CONTÍNUA. **Quadro sintético**. Rio de Janeiro: IBGE, agosto de 2020. Disponível em:<<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continnua-mensal.html?edicao=28382&t=quadro-sintetico>>. Acesso em: 17 ago. 2020

PLOUS, S. **The psychology of judgment and decision making**. 1993. McGraw-Hill series in social psychology, McGraw-Hill Book Company.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Além do rendimento, além das médias, além do presente**: As desigualdades no desenvolvimento humano no século XXI, Brasil, 2019. Disponível em:<[http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr\\_2019\\_pt.pdf](http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr_2019_pt.pdf)>. Acesso em: 21 Jun. 2020

SAMSON, A. Parte I/Capítulo I. In Avila, F. e Bianchi, A. (Orgs.)(2015). **Guia de Economia Comportamental e Experimental**. São Paulo. EconomiaComportamental.org. Disponível em: <[www.economiacomportamental.org](http://www.economiacomportamental.org)> Licença: Creative Commons Attribution CC-BY-NC – ND 4.0. Acesso em: 01 nov. 2020

SAMSON, A. Glossário. In Avila, F. e Bianchi, A. (Orgs.)(2015). **Guia de Economia Comportamental e Experimental**. São Paulo. EconomiaComportamental.org. Disponível em: <[www.economiacomportamental.org](http://www.economiacomportamental.org)> Licença: Creative Commons Attribution CC-BY-NC – ND 4.0. Acesso em: 01 nov. 2020

SIMON H. *Administrative behavior. A study of decision-making processes in administrative organization. 1ª ed. New York: The Macmillan Company, 1947.*

TEXTO PARA DISCUSSÃO. Medidas de enfrentamento dos efeitos econômicos da

pandemia Covid-19: panorama internacional e análise dos casos dos Estados Unidos, do Reino Unido e da Espanha. **Brasil: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)**. TD 2259. 1990. 73 p. Disponível em:<  
<https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9978>>. Acesso em: 20 out. 2020

THALER, R. H. **Comportamento Inadequado: A Construção Da Economia Comportamental**. Tradução de Miguel Freitas da Costa, Lisboa Portugal: Conjuntura Actual Editora, 2015, p. 23-49.

THALER, R. H. e SUNSTEIN, R. C. **Nudge: Como tomar melhores decisões sobre saúde, dinheiro e felicidade**. Tradução por Ângelo Lessa. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019, p. 9-14.

VALENTE, J. Covid-19: veja como cada estado determina o distanciamento social. **Agência Brasil**. Brasília, 01 mar. 2020. Disponível em:  
<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-04/covid-19-veja-como-cada-estado-determina-o-distanciamento-social>>. Acesso em: 01 nov. 2020

VARIAN, H. R. **Microeconomia: uma abordagem moderna**. Tradução de Regina Célia Simille de Macedo. 9ª. Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016, p. 585.